

Revista Nova

Lisboa, 31 de janeiro de 1902

Typ. GONÇALVES, R. Alecrim, 82

Editor—ILLYDIO ANALIDE DA COSTA

O DILETTANTISMO LITTERARIO

SE percorrermos, ainda mesmo com a mais distrahida attenção, as columnas dos jornaes, impossivel se torna, depois d'um prazo mais ou menos largo, chegar a outro desideratum que não seja o de que a litteratura portugueza está, na realidade, regorgitando d'um pessoal tão populoso que se diria ser ainda maior do que o numero dos seus possiveis leitores. Desde o jornal de mais larga circulação no paiz até ao modesto semanario, destinado á simples leitura dos redactores e suas familias, no caso d'uns e outras saberem ler, não se topa senão com nomes de apreciaveis cidadãos, jovens ou não jovens, antecedidos das formulas encomiasticas de *laureado escriptor* e *mimoso poeta*.

Cada um d'estes *laureados*, como cada um d'estes *mimosos*, tem sempre um livro a entrar no prelo, a que sempre se augura um exito fóra do commum. Outros publicaram já esse livro de tão auspicioso futuro sem que, por um funesto destino, a minima resonancia o acompanhasse, e ainda outros são recommendados pela sua brilhante collaboração em jornaes ou revistas. Todavia, o leitor, embora seja um devoto das lettras, desconhece quasi sempre esses nomes elevados a tantas glorificações. Nunca vio collocar taes louros nem saboreou taes mimos. Mas isso não quer dizer que os que se investem na posse dos primeiros e se reputam na distribuição dos segundos, não existam, — porque assim o affirma a voz auctorizada da imprensa.

E o desfile dos litteratos segue sempre. Ha mezes, alguns amigos meus procuraram abalançar-se á empresa titanica de os relacionar: ou antes de os inventariar, visto tratar-se de auctores e obras que, em seu entender, constituiriam o thesouro intellectual da nação. Modelado no gosto do *Almanach Commercial*, dividindo-o por freguezias e ruas, o pessoal litterario ficaria assim classificado como o está, n'esse volumoso indice, o funcionalismo e o commercio portuguez. A breve trecho, comtudo, esses meus amigos, ingenuos paladinos da Estatistica, tiveram de desistir do seu intuito, não pela falta de informações seguras que poderia dificultar a construcção d'esse monumento, senão pela exuberancia de materiaes que de toda a parte lhes acudia, forçando-os ao levantamento d'uma obra tão grandiosa que, parà a sua realisação, bem

depressa se lhes afiguraram fracas todas as forças que podessem dispendar. O seu terror assemelhou-se ao de meia dúzia de homens, dispondo simplesmente do minuto da sua existencia e do transitorio esforço do seu braço, aos quaes se pedisse a construcção das pyramides do Egypto.

Imagine se: um d'elles, cujo nome poderei citar, definia n'esta phrase exaggerada, mas synthetica da difficuldade a vencer, o character insolúvel da tentativa: «São já oito milhões, menino!» E como eu me espantasse de que, n'uma população de metade d'esta somma, ella podesse existir, attribuindo-se aos cultores das artes, o meu amigo, explicava que muitos d'elles tinham usado e usavam ainda tres, quatro e mais pseudonymos, que lhes permittiam reproduzir-se como os germens d'uma epidemia, sem que fôsse possivel averiguar ao certo o nome de baptismo d'esses Protheus litterarios. Esta explicação dissipou o meu espanto, tanto mais que eu, n'um dia, sem me occupar dos pseudonymos, já organisara uma lista de perto de quatrocentos escriptores portuguezes, actuaes e vivos, podendo sem difficuldade chegar ao duplo só com um pequeno esforço de memoria.

*

* *

Que denuncia isto? Que prova isto? Muito simplesmente a praga do diletantismo litterario. Praga porque é moda. Como antigamente o bom gosto consistia em ser-se marialva ou fadista, hoje está se tornando tanto do tom como usar vistosas gravatas o affixar preocupações artisticas e dar-se ares de genio incubado. Eu já disse acima que, por mais problematica que pareça a existencia d'essa multidão de desconhecidos, condecorados de adjectivos nas columnas das gazetas, ella todavia existe. Não existem, é certo, as suas obras, ou se alguma, sem sentimento, sem orientação, sem factura, apparece, empacotada em estantes e livrarias, e respirando desde o titulo esse pessimismo de cuecas em que os netos de Antony sacodem a caspa fatalista da sua imaginação, o certo é que a sua existencia continua a ser tão ignorada como ignorados foram e permanecem os seus auctores. Mas existem, repito, e porque existem, forçoso é admittir que estejam em alguma parte.

E estão. Estão nos salões preciosos, estão nos cafés baratos, estão nas aulas cabulas, estão nas repartições ociosas, estão nas esquinas suspeitas. Não os conhecemos, pelo nome, porque o não teem, mas adivinham-se pelo aspecto. Todos elles, desde o que faz sonetos a marquezas até ao que escreve contos em revistas de charadas, estão assinalados, como um estyigma, pelo seu ar superior, — *o ar da casta*. Porque, por muito que ignorem a grammatica e as quatro operações arithmeticas, o facto é que, desde o dia em que da sua penna, que já suppõem illustre, sahiu uma quadrinha que o Rei da Madureza não teria assignado, elles consideraram-se levantados a um nivel superior. Foi se o direito divino dos dynastas, mas ficou o direito divino dos litteratos. Escreve sandices, — *por graça de Deus*. Foi a *faisca*, — como diziam os lamartinianos. Essa faisca cahiu-lhes um bello dia na mioleira e abrazou-lh'a. Pode, porventura, d'ahi em diante, ser igual aos seres das outras classes, que não teem os miolos em torresmos?

*
* * *

Assim se creou essa legião innumeravel de patetas que desacreditou, senão para sempre pelo menos por um largo periodo, a litteratura portugueza. As litteraturas de cada epocha estudam-se no seu meio, e definem-se pela synthese do conjuncto. Ora o meio é este — que elles formam; o conjuncto é este, — que elles definem. Passou o tempo em que a litteratura em Portugal cumpria uma missão e exercia uma profissão. Hoje a litteratura é um *sport*. Faz-se um villancete tolo e vasio, para agradar ás damas, como se entra n'uma corrida de burros e se disputa uma argolinha, no mesmo intuito cortezanesco. Assentou-se, como base, que a Arte é um simples prazer, uma distracção, um divertimento. Nega-se-lhe todo o character util e pratico. Não se considera trabalho, e d'ahi o relegal-a á inferioridade das cousas infimas e dispensaveis. Não é serio, — não tem *furo*, nem sob o ponto de vista da evangelisação nem sob o ponto de vista dos interesses monetarios. Assim, n'esta corrente depressativa de todos os seus nobres ideaes e de todos os seus legitimos estimulos, a Arte abastardou-se até á nivelação com as mais ridiculas futilidades, deixou de existir em essencia, passou a ser um nome vão, uma taboleta illusoria, como a das tabernas que annunciam bom vinho e vendem uma ignobil zurrapa.

*
* * *

Quem fez isto? Essa turba de meninos, a que já se juntam algumas meninas, — porque os progressos do feminismo, todos o sabemos, são vertiginosos, — turba que invade ruas, praças, theatros, cafés e redacções, todos os pontos onde se trata d'essa grande moribunda, que é a Litteratura portugueza, não se occupando senão de si, não se admirando senão a si, não pensando senão em si, e fallando em arte com o mesmo interesse e empregando o mesmo tom com que se exprime acerca de jogos de *lawn-tennis* e de ceias com meretrizes. Se perguntarem a um d'estes artistas em que trabalha, elle responderá: se é academico, — que estuda para veterinario; se é empregado, — que faz as cobranças da salchicharia X.; se é rico, — que é moço de curro em touradas de fidalgos. Elucide-se a pergunta, e então abrirá uns grandes olhos espantados. Trabalhar em arte? Mas a arte não é um trabalho, é uma distracção a que elle se entrega de vez em quando, por desfastio, como poderia fazer paciencias, e em que não tem culpa de produzir paginas brilhantes e geniaes. Mas isso, por Deus! não é trabalho! O serio, o util, o respeitavel trabalho é curar bestas, é pesar chouriços, é pegar touros, — não é dedicar um pedaço de coração a um ideal nem cumprir o dever sagrado de arremessar um pensamento ás almas!

*
* * *

Elles são isto, e comtudo o *meio litterario* são elles. E' de ver quanto isto asphixia as intenções mais corajosas dos que á Arte decidiram consagrar o melhor da sua existencia, fazendo da sua penna o instrumento d'uma profissão; — que não é superior nem inferior ás outras, mas que é

tão nobre como todas as que se inspirem em honestidade e desejo de beneficio social. Isto quer dizer que eu, não admittindo o *ar de casta* dos plumitivos mediocres, não o admitto ainda nos que, pelos privilegios da intelligencia creadora, com maior apparencia de direito o queiram assumir.

Todo o trabalho do homem, esta é a verdade, se equipara perante a utilidade geral. O operario manual que faz o tecto que me cobre beneficia-me tanto como o operario intellectual que me delicia a alma com os pensamentos que aformoseou para ella. O homem não vive só de pão, mas tambem não vive só de espirito.

«A linha precisa que se pretende estabelecer entre a *arte* e o *officio* — diz Michelet, — é na realidade ficticia. Quem não sente que a maior parte dos *officios*, se os quizermos aprofundar, são ramos reaes d'uma arte?»

*
* *
*

Mas isto foi uma digressão, indispensavel a quem, como eu, sente sempre a necessidade de definir os seus pensamentos, de forma a não admittirem subterfugios. Eu dizia que o *meio litterario* é de natureza a asphyxiar todos aquelles que pretendam fazer da Arte um ideal e uma profissão. A razão da affirmativa está na falta de estímulo a que se junta o descredito d'esse officio, elevado como um sacerdocio. Lá fóra ha o que se póde chamar um publico intellectual, illustrado, cheio de bom senso e de bom gosto, que procura nos livros inspirações da consciencia e refrigerios do espirito. E' esse publico que com o seu applauso, o seu dinheiro e o seu fervor alimenta as litteraturas, estabelece a concorrência das obras de arte, cria as justas glorificações e fixa os grandes principios das epochas. Aqui, esse publico não existe, e aquelle que o poderia representar é o que, desde os mais verdes annos, considera o prazer de receptividade litteraria como uma vaga e nebulosa vocação artistica, que a sua vaidade o instiga a pretender affirmar, sem que para isso se socorra do estudo das lettras nem da experiencia da vida. Julgando-se possuidor da *faisca*, elle ahi vae, o *ungido do Senhor*, na phrase incisiva e justa de Zola, accumulando disparates sobre disparates, até que um dia, por um fatal aviso da consciencia, reconhece a sua incapacidade para produzir qualquer cousa de apreciavel, e então, em vez de confessar que elle é que não vale nada, a sua miserrima vaidade leva-o ainda a affirmar que a Arte, que elle não póde fazer, é que nada vale, além d'uma simples distracção do espirito, que se póde até satisfazer com acrosticos em leques de *madamas*.

*
* *
*

Insisto: asphyxia este meio, porque, como vimos, destroe o estímulo necessario ao trabalhador de espirito, e, ainda mais, gera o descredito da profissão litteraria. Nada, no mundo, se alcança sem o trabalho, e é precisamente esse attributo de nobre e respeitavel esforço o que se nega ao escriptor do nosso tempo. Que importa que enquanto o amanuense erra os officios das repartições e o caixeiro se engana nas cifras dos *Livros Caixas*, elle gaste longas e dolorosas horas na tortura das suas paginas? Que importa que gaste, methodicamente, dias e noites inteiras de trabalho sem esperança, e quasi sempre sem remuneração condigna, e muitas vezes sem remuneração de especie alguma? E' um litterato! Basta: não

trabalha! *Aquillo* não é trabalho! E não é trabalho, porquê? Porque os milhares de imbecis que, em familia, fallam d'alto em litteratura, são os primeiros a dizer que os versos tolos ou as prosas grotescas que confeccionam meia duzia de vezes por anno não lhes dão trabalho nenhum, e são apenas uma distracção para os duros encargos da sua existencia de balcão ou secretaria.

*
* * *

Ha em Portugal meia duzia de homens que trabalham. Não é agora occasião de me pronunciar sobre a natureza, os intuitos e a influencia do seu trabalho. Mas tenho-o dito sempre : é o unico ponto em que os admiro, os louvo e os respeito, — pertençam elles a qualquer grupo a que pertençam, d'entre os varios em que se divide o tão restricto pessoal litterario que, n'este paiz mais ou menos merece esta designação. Porque é preciso tempera para trabalhar litterariamente em Portugal, — entre a praga crescente do dilletantismo litterario que tudo suffoca, tudo envergonha, tudo rebaixa, enchendo de irritação e sobresalto os que, emergindo a frente d'entre as vagas d'estes gafanhotos de má morte, levantam os olhos para o sol, obstinando-se em idealisar a seara futura que a sua inexgotavel vida ha de fazer renascer da terra.

Mayer Garção.

PRIMEIRA PAGINA D'UM LIVRO

Ha na luz branda e tibia das estrellas,
A tristeza dos olhos dos que choram!...
Meus versos foram feitos para ellas,
E são da côr do céu adonde móram.

Mas os melhor's, em que eu sonhei a Esp'rança,
São dedicados com prazer egual,
Aos teus olhos alegres, de creança,
Que são tambem estrellas, afinal!...

Dos corações em que o amor pénétra
Se, com vagar, algum quizer ouvir,
Ha-de encontrar em cada escura letra
Um echo verdadeiro do sentir!...

Não tem este poema os sons diversos,
A *verve*, a graça alegre do francez:
Resume-se o valor d'estes meus versos,
N'um pouco d'attenção que tu lhes dê!...

Dirão que é pouco p'ra cantar victoria,
Mas, eu encontro n'isso mer'cimento ;
E, para mim, é já bastante gloria,
O teu olhar de bom acolhimento!

Illusões, esperanza, desventura...
E corações a amar como o de Christo!
Boccas cheias de beijos de ternura,
Tudo fundido e transformado *n'isto!*

(Do *Azul Celeste*)

Ladislau Patricio.

A ONDA

MAYER Garção, no seu artigo sobre as «Questões Sociaes e a Nova Arte», publicado no ultimo numero d'esta Revista, diz, fallando de todos aquelles que se negam a bem comprehender o pensamento moderno: «*Entretanto, alguns d'esses homens anquilosados na perversão litteraria, presentem vagamente toda uma renovação nas correntes da Arte, que se annuncia já n'um clamôr*». Mas dizer isto não é dizer tudo; porque a onda de Justiça e de Bondade que nos alaga vae alagando tambem os que lhe querem fugir.

Dos mais convictos sectarios das escolas decadentes que appareceram nos ultimos 20 annos do Seculo XIX, em França e em quasi toda a Europa, alguns ha que se converteram aos nossos Ideaes. E' o caso de Stuart Merrill, poeta francez, companheiro litterario de Henri de Regnier, e cuja recente conversão é para admirar e respeitar.

Stuart Merrill publicou tres livros, antes de possuir a Arte largamente humana do seu ultimo poema «*Les Quatre Saisons*», tres livros meio parnasianos, meio symbolistas, influenciados por Heredia e Verlaine;—os dois primeiros cheios de exagerados preciosismos, o terceiro sentimental e piegas. N'elles não ha vida e vê-se que o auctor não encontrou ainda um Ideal que lhe abrangesse o coração — porque o seu espirito era levado pelo meio egoista que o cercava.

Um Poeta, é, no fundo, um Apostolo. As influencias externas é que pôdem modificar e, por vezes, anular essa tendencia que é a generosa tendencia das almas as quaes, sentindo se maiores do que as outras, querem chamar todas a si e a todas ensinar o caminho por onde podem ser alcançadas. Em Stuart Merrill essa tendencia foi só annullada temporariamente.

Em 1900 saem «*Les Quatre Saisons*», poema lyrico, cheio da ancia d'um coração que vê os homens a chorar quando elle é feliz; e que vê o cumprimento do dever na acção misericordiosa de espalhar o seu infinito amor pelos que soffrem.

O livro é isto:

O Poeta encontra a companheira que sonhava. Vivem junctos, n'um doce e retirado abrigo do campo, na constante ventura dos que se amam. Mas, até ao seu abrigo chegam os soluços dos miseraveis e, pela noite, batem os desgraçados á sua porta, a pedir soccorro ou a blasphemar imprecações. E' preciso partir, dar-lhes da sua bemaventurança!... E o poema acaba n'este piedoso grito e na grande saudade pelo que vae morrer.

Nunca o li. Fallo d'elle por uma critica de André Reaunier, que termina por estas bellas palavras:

«Une inquiétude terrible etreint cette âme qui s'est faite a elle même son ineffable félicité et qui revendique hautement le devoir d'y renoncer pour accomplir la dure tache de miséricorde...»

*
* *
*

Artisticamente, não sei se o livro é bom. Não o li, como já disse. Conheço apenas dois ou tres fragmentos, transcriptos na critica de que falei. Mas a minha ignorancia da parte artistica do livro não me faz falta para o que quero dizer e que é o seguinte: — um Poeta, desnortado pelas contrafacções da Poesia que appareceram por quasi toda a parte, afasta um dia o seu espirito do meio pernicioso em que vivia. Retrae-se a meditar. E escreve um poema consolador e humano, um poema ingenuamente bom e simples. Deixou fallar o seu coração e foi verdadeiro. Comprehendeu, longe do precioso exotismo dos termos barbaros e extranhos, que a Arte deve chamar os homens a si e que, para isso, tem de se curvar até ás suas almas.

*
* *
*

Gente dirá que se um ou outro escriptor mudou, a maior parte se conserva no seu antigo posto. Assim acontece.

Mas ainda não é tarde. Esses que resistem, convencer-se-hão de que é inutil a resistencia — inutil e sem belleza alguma o seu confinamento no egoismo, longe dos homens e da vida.

Não é grande nem admiravel resistir á justiça; apenas é uma repetição da velha historia de Satan, que é o mesmo que dizer: da velha historia do orgulho infecundo.

E' o orgulho que se deve confessar, é o sagrado orgulho de quem vive no cumprimento do seu Dever.

*
* *
*

E, depois, de nada serve desafiar esta onda invencivel de Justiça e de Bondade, que vem alagar, pouco a pouco, todos os corações. Ella cresce, cada vez mais, no horisonte; bóiam sobre ella os destroços d'um máo passado; o seu rugido é o soluço dos que soffrem. Impetuosa e forte, ai d'aquelles que tentarem impedir, com mãos sacrilegas, o seu caminhar para o Futuro, embalando no interminavel movimento o nosso grande sonho.

João de Barros.

CONTRADIÇÕES

(ESBOÇOS E APONTAMENTOS)

A Silvio Rebello

DESDE OS NOSSOS sentidos que quasi nunca nos fornecem acerca das cousas senão dados externos e apparentes e nos criam um mundo falso com azulados céos que não existem, com nuvens rosadas cuja côr de rosa é um reflexo, e com horisontes nos quaes céu e terra se confundem illusoriamente, até á nossa propria existencia cheia de mysterios (con-

tra os quaes se despedaçaram gerações inteiras de philosophos) tudo é discutivel e mesmo por vezes contradictorio.

Entre os direitos conquistados pelo homem ha o que se pode chamar *direito a acreditar na contradicção universal*.

*

* *

A historia da philosophia não se tem reduzido a outra cousa que não seja pretender tornar consistentes alguns phenomenos d'um mundo puramente ideal para depois os derrubar mais tarde. Effectivamente, não estando o homem, em geral, satisfeito e conforme com o que o rodeia, — nem sequer comsigo mesmo, — como poderá conformar-se com o resultado do pensamento dos outros? A theoria que mais convence é aquella que nasce na consciencia individual como resultado das luctas proprias e ntimas. D'aqui resulta que todos os systemas mentem.

*

* *

Aquelle que, por um motivo casual ou premeditado, se deteve alguma vez na sua marcha para o icognoscivel, sobressalta-se como se defrontasse com o spectaculo d'uma inesperada desgraça. E é mesmo estranha essa *marcha*, que parte do que nos opprime e maltrata e que, todavia, chamamos *vida*, para esse mundo cheio de mysterio ante as portas do qual tanto teem clamado a anciedade e a duvida! Quantas vezes se terá perguntado: «E para que é essa *marcha*? Não seria melhor não a ter começado?» Mas a corrente arrasta, e aquelle que lhe resiste assemelha-se á gota de agua que se quizesse separar do impetuoso rio, sem se lembrar que uma mesma força a desprendeu ao mesmo tempo que as suas infinitas companheiras desde os cumes da immaculada montanha da Eternidade.

*

* *

Certos forjadores de paradoxos, occupando-se, n'uma determinada occasião, da idéa, chegaram á alarmante conclusão de que *nada existia, nem mesmo o proprio nada*. . . Só o que não poderam unir jámais foi este *nada* a um certo *algo* que n'elles proprios existia, ou seja o seu *desejo*, o seu *anhelo*, — para o demonstrar.

*

* *

A metade das cousas que preocupavam Platão e Socrates não nos merece hoje mais do que um encolher de hombros.

*

* *

A invenção de algumas palavras e de algumas theorias parecem-se na circumstancia de terem custado muitos esforços e torturas aos homens.

Ha povos que se odeiam ha muitos seculos por causa d'uma unica palavra e homens que se detestam por uma theoria.

E o mais curioso do caso é que, ás vezes, estas palavras *não são mais do que palavras, simples sons articulados!*...

*
* * *

Na Arte, para qualquer lado que se dirija o olhar, e se veja alguma cousa de grande, alguma cousa de caracter proprio, logo se descobre uma contradicção. Não ha grande caracter em que o contradictorio não exista: contradicção comsigo proprio, ou com o que o cerca, não importa.

Para o provar temos uma infinidade de exemplos de todo o genero: Prometheu, Fausto, Valjean...

*
* * *

«Nada ha, — diz-se, — que possa deter o impeto humano na sua magestosa marcha para o Infinito. Não é a vontade do homem uma alavanca sufficientemente poderosa para abalar o Cosmos?» Diz se isto, e ao mesmo tempo pode um homem asphyxiar-se n'uma lufada de vento...

*
* * *

Tem-se dito que as provas a que eram submettidos os neophytos nos antigos mysterios não tinham outro fim senão o de experimentar a tempera do seu animo. Mas para que era necessario tal tempera se ali se ensinava e mostrava a verdade? Pois não é a verdade alguma cousa que pela sua propria força se impõe? Ninguem poderia portanto tentar resistir-lhe. Para que eram, pois, necessarias as provas? Não seriam ellas preparativas para collocar o espirito em estado de se libertar de toda a illusão, inclusivamente da ultima, a religiosa, caso elle tropeçasse no immenso Nada?

*
* * *

O amor, luz sagrada que penetra nas negruras da terra como o sol se cõa atravez das grades d'um carcere, vem sempre acompanhado de tudo o que ha de mais doloroso no mundo. As paixões amorosas mais celebres pela sua intensidade tem sido quasi sempre dramaticas.

*
* * *

Ha uma época na vida muito difficil para a aquisição de amizades. E' aquella em que se começa a ver as cousas como ellas são realmente e não como a sua apparencia revela, — ou seja: quando cada qual se vae conhecendo a si e vendo que apenas lhe é possivel a amizade comsigo proprio.

A HESPAHA ARTISTICA

Os Novos



GONZALEZ ANAYA

Auctor dos *Contos sin eco* e dos *Medallones*

SIMBÓLICA

Del viejo bosque de arrayán y rosa,
á la luz del crépusculo muriente,
en la senda florida e anchurosa,
Cristo y Baco se hallaron frente á frente.

Sublime azar! El sol agonisante,
como una inmensa forja centellaba,
y era el acaso abismo deslumbrante,
ingente cumbre de sangrienta lava.

Dyonisos, joven de cabellos de oro
y faz resplandeciente de alegría,
dando á los vientos su reír sonoro,
del llameante ocaso descendía.

Era un hermoso y turgido mancebo,
curtido solo en amorosas lides,
con la loca embriaguez del vino nuevo,
Que el sol fermenta en las chinprensas vides.

En la diestra la férula de flores
y en la cornuda sien hojas de higuera,
entonaba con bélicos clamores
el *Evohé!* de la triunfal carrera,

cuando al ganar la curva del camino,
á un hombre vió que, con incerto paso,
sobre el hombro la cruz del asesino,
subía hacia las cumbres del acaso.

Era un hebreo, de semblante augusto,
envuelto em amplia tunica de lirio,
al peso de la cruz rendido el busto
y en la frente la aurora del martirio.

Con que intensa emocion el dios helleno
detuvo su cantar alborozado
al vêr caminante nazareno
de espigas y de lumbres coronado!

Sublime azar! En la campestre via,
emmedio de las rosas y las palmas,
se hallo la inmensidade de la alegría
con el dolor eterno de las almas!

Miráronse con ojos anhelantes
y seguieron sus varias direcciones:
Dyonisos sin su coro de bacantes,
y Cristo sin su escolta de Sayones.

* * *

Cuantas veces del alma nel camino
cruzáronse las risas y las penas:
Baco, manchado de purpureo vino,
y Cristo con la sangre de sus venas!

González Anaya.

AUGUSTO SANTO

(ESTUDO PSYCHO ESTHETICO)

IV

MAS essa acuidade de analysta é instantanea e não se patenteia nitida, senão a quem tiver uma larga e intima convivencia com o artista. De ordinario Augusto Santo parece inclausurado n'uma muralha de silencio, o olhar apagado para o exterior, veuido unicamente o que se desenrola adentro da sua alma e que elle está lá construindo, esquecido da vida e de tudo. Esse isolamento é, porém, perfeitamente comprehensivel n'um autocontemplativo — um ser em continua elaboração psychica, caldeando no cadinho ao espirito todas as percepçoens e apercepçoens para as fundir e modelar n'uma lei, n'um modelo, n'uma formula, n'um poema, n'um compasso ou n'um bronze.

De resto, Augusto Santo é um esculptor, fundamentalmente um esculptor, tendo impressoens, sentindo, ideando, como um esculptor. Com isto e accrescentar que a Esculptura é a mais synthetica das artes, ter-se-ha coherentemente a comprehensão clara d'esses largos periodos de esquecimento, de adormecimento sensorial, em que o artista cahe. O que então se lhe está operando na alma, expressou-m'o elle um dia d'um modo indirecto e bizarro, apoz um d'esses periodos de introspecção: elle via d'um bloco de marmore despegarem-se pedaços e surgir a figura sonhada, erecta em toda a plenitude da sua criação, assim plasonada unicamente pelo esforço da vontade e modelada no mold da sua mente cheia d'emoção.

O processus psychico, porém, assim como o dynamismo nervoso, que gera os grandes conceptos, é sempre o mesmo nos espiritos altamente syntheticos. Um, dois factos, bastam muitas vezes para alicerçar e construir uma lei.

A observação precede sempre, é indiscutivel, a lei do phenomeno observado: a qualidade analytica existe implicitamente com a qualidade synthetica; simplesmente quando a segunda predomina, ou melhor quando a segunda existe, a primeira parece apagar-se, tão momentaneamente se manifesta. E é assim que espiritos eminentemente analyticos raras vezes produziram uma grande lei, uma grande obra de synthese, ao passo que nas mentalidades syntheticas a qualidade analytica é intensissima. Um grande generalizador é simultaneamente um grande observador com largas faculdades experimentaes.

Exemplificando: Dante — um dos espiritos mais syntheticos que tem havido — era ao mesmo tempo enormemente um analysta, que desenhou criminosos com uma pujança ainda não attingida; Dostoevsky era um analysta e quasi somente um analysta; a sua obra espanta pela justeza de observação, pela intensidade artistica com que o fazia, mas não é uma vasta obra de synthese: desenhos geniaes de criminosos, de epilepticos, monographias sombrias de todos os seres que enchem a vasta galeria dos tribunaes e dos manicomios emfim; mas sem que da relação d'esses personagens com a humanidade surja uma lei, uma doutrina, um problema social, uma d'essas verdades amargas, que surgem expontaneamente das obras de Ibsen e Zola, por exemplo.

Cervantes, o maior genio synthetico de todas as litteraturas, tem na sua obra observaçoens que assombram pe'la agudeza d'analyse. O «Faus-to» e Goethe for:ecem um exemplo identico. Mas, onde a comparação resulta mais flagrante, é entre Ibse: e Shakspeare: o primeiro desenrolando todos os problemas que agitam as sociedades contemporaneas, discutindo com uma lucidez e um vigor não ultrapassados, arrancando ao tragico-burlesco da vida symbolos eternos, que gritam de dôr, de indignação, de pavor, de miséria, de ridiculo, de crime, de fome, de sede de luz, com febre de vida, delirantes de justiça, sofregos de verdade, expondo o nojo os histrioens do Ideal, os esteios da mentira, fazendo a exhibição lugubre e funambulesca de consciencias sangrantes de lastimas, chagadas, consciencias que riem como ulceras, que se estorcem, que fazem carantonhas biltres, que choram convulsas de amargura e angustia, que misturam soluços com risadas; o segundo dissecando toda a alma da Humanidade, desfibrando as consciencias, baldeando-as, remechendo-as, arrancando-lhes uma a uma as emoçoens, sentimento a sentimento, ideia a ideia, crime a crime.

O ser o primeiro um condensado e o segundo o mais poderoso analysta de todos os tempos explica a razão d'aquelle ser um incompreendido quasi e este o maior commovedor de plateias. E por essa mesma razão se explica como a obra do grande Inglez, assim como a de Dostoewsky, são uma fonte inexgotavel de decommentação psychologica e como a do dramaturgo scandinavo será sempre uma fonte de doutrina social.

Na obra de sciencia o caminho é o mesmo: ha sabios naturalmente syntheticos, como os ha naturalmente analysts; simplesmente nos primeiros a faculdade graças á qual elles a'gebrizam theoremas d'uma serie de factos, implica a coexistencia da faculdade que os fazem discutir esses theoremas.

A inspiração — esse dom que parecia emanar d'uma força exterior e vir accender a alma do artista d'um fogo sagrado — não tem outra origem, senão a mente do proprio artista: é um processus subconsciente d'assimillação sensorial e d'elaboração mental, tornado consciente n'um dado momento, o da producção artistica, o da inspiração, e desaparecendo — porque a consciencia é um phenomeno instavel, uma derivada da intensidade vibratoria d'uma constellação neuronica — para muitas vezes deixar o artista assombrado da propria obra.

Mais ádeante, porém — quando demonstrar que o esculptor deve ser um ente essencialmente doentio pela necessidade d'uma inspiração persistente — exporei tambem como o phenomeno da inspiração foi concisamente interpretado á luz da psychologia moderna.

*
* * *

Mas Augusto Santo não é um isolado, um só, unicamente porque seja um espirito acotiadamente entregue a si mesmo, synthetico. Não; a autocontemplatividade não basta. Necessario se torna pesquisar outros factores, que os ha. E um d'elles é o seu temperamento essencialmente morbido, é uma enfermidade, uma psychose, commum a tantissimos homens de genio.

Dias ha, em que elle se queda n'uma sombria quietude, o rosto contrahido n'um rictus doloroso; rispido, excitando-se á minima contrariedade; lançando se num estado convulsivo, o olhar torvo, agressivo até; cheio

de movimentos bruscos, reflexos, involuntarios. Por vezes então cahe n'uma depressão moral, emmudece, o olhar vagueia incerto, cheio de tédio, um nojo immenso de tudo, um desprezo immenso pela vida, pela própria Arte, como se sentisse n'alma a vacuidade de existir e de aspirar. Outras vezes foge ao bulicio que o angustia, põe-se a caminhar á tóa, sem destino, para se cançar, para se extenuar, longe do ruído, cara a cara com o silencio das cousas, fugindo á luz para mergulhar na sombra, impellido por verdadeiras crises de misanthropia, hypersthesico, como muitos nevropathas que padecem psychalgias intensas, provocadas por um som, por um pincel de luz forte, bruscamente projectado sobre elles. E vezes ha, em que elle procura esse bulicio para se atordoar, sentindo, bebendo impressoens, avidamente, estaballohadamente, com a sofreguidão delirante d'um ebrio que emborca alcool ás bategas para cahir depressa.

Tem momentos d'uma loquacidade tumultuosa, gesticulada, cheia d'espirito, esbanjando n'um minuto ideias, que muitos não gastam em annos, e com uma justeza, uma bizarreria e uma finura d'expressão prodigiosas. Mas tem momentos tambem de quasi aphazia, buscando anciosamente o termo, gaguejando, acabando por empregar um vocabulo que não traduz o seu sentir, o seu pensar, ou traduzindo-o — e isto é syndromaticamente doentio — d'um modo absolutamente contrario, em virtude d'uma associação d'ideias n'esse instante cerebralmente mal coordenada ou mal distribuida — desordenada em todo o caso.

Todas estas modalidades doentes do seu temperamento o tornam um ser d'excepção, incompativel com as trivialidades sentimentaes do vulgo, o arredam da communhão social. A Humanidade, encarada em abstracto, apparece-lhe como um objecto interessante d'estudo; concretamente, como qualquer cousa, que é preciso aperfeiçoar. Augusto Santo vê na collectividade uma entidade que necessita d'impulsos progressores. Ama os homens, porque elles são a Humanidade; e odeia-os, quando os não despreza, porque elles não são perfeitos e fazem essa Humanidade um ser aleijado, um ser com o qual se não pode viver, senão como quem vive com um enfermo. Odiar os homens — porque se ama o Homem. E n'este paradoxo apparente reside toda a sua misanthropia. Como é este um sentimento que irá avigorar a sua obra, dar-lhe uma orientação essencialmente de luta, porque Augusto Santo é um homem do seu seculo, que não comprehende a Arte senão como um meio de combate pela justiça que é irmã da Belleza. A sua misanthropia é a misanthropia de todos os grandes lutadores dos tempos actuaes.

Mas a misanthropia é uma qualidade psychica, que embora exteriormente pareça a mesma, tem no entanto determinantes geneticas bem differentes. Assim o dr. Tomaz Stockmann ⁽¹⁾ não é o mesmo misanthropo que é a mystica Thereza de Jesus, pela differença de factores determinativos.

Stockmann dizia que *o homem mais só é o mais forte de todos* depois de escorraçado pela *maioria compacta*, depois de apedrejado pelos homens que elle amára e por quem elle ia pelejar ainda, visionando o Homem forte, o Heroe sem nôdoa, que conquistaria definitivamente o Castello da Ventura. O estatuario Rubec ⁽²⁾ — com quem Augusto Santo

(1) Henrik Ibsen — «Um Inimigo do Povo».

(2) Henrik Ibsen — «O Dia da Ressurreição».

tem immensas afinidades de temperamento e indole — o symbolo da felicidade estilhaçada pelo amor do grandioso, esse sonhador que morre erguendo um hymno d'amor á Vida, é identicamente um misanthropo, quando grita que isso, que se chama *todo o mundo, não comprehende nada*, porque a sua Obra, apezar de glorificada, ainda não fôra comprehendida, essa Obra que era a propria Vida resurgindo esplendida e fecunda, essa Obra que elle, com a sua febre de grandezas, num delirio de genio, entrevira, creára, mas não soubera viver.

Esta misanthropia é a misanthropia do homem desterrado do convívio social: é a misanthropia do homem de genio e dos degenerados superiores.

Ha, porém, uma outra fórma de misanthropia, a dos ascetas, dos mysticos, a de Thereza de Jesus, por exemplo. Como syndroma psychico n'esta fórma de misanthropia ha sempre um largo fundo de religiosidade, a contemplatividade beatifica, a passividade, a vida extatica. E, a essa, Thereza de Jesus definiu-a com uma emotividade lyrica raras vezes attingida, n'um bello soneto, a «Jesus». Eil-o:

No me mueve, mi Dios, para quererte
el cielo que me tienes prometido;
ni me mueve el infierno tam temido
para dejar por eso de offenderte;

mueves-me tu, mi Dios, mueveme el verte
clavado en esa crus y escarnecido;
muevemé ver tu corpo tan herido;
mueven-me las angustias de tu muerte;

mueve-me emfin tu amor de tal manera
que, aunque no hubiera cielo, yo te amára
y, aunque no hubiera infierno, te temiera.

No tienes que me dar porque te quiéra,
porque si quanto espero no esperara,
lo mismo que te quiero, te quisiéra.

E' isto, é esta fuga á Vida, esta posse absoluta por uma luxuriosa sensualidade animica, esta continua masturbação da alma, ou, para empregar uma expressão justa que parece saltar da penna de todos os tratadistas de psychopathia sexual,—é uma fornicación psychica adentro d'um corpo casto.

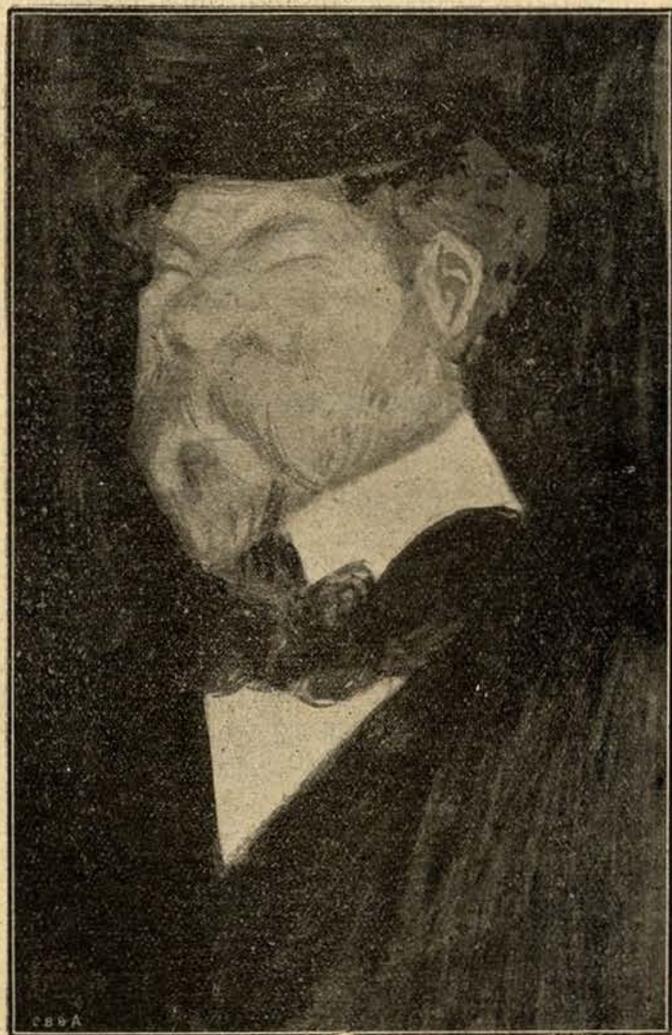
E—contradição bizarra!—ao passo que a segunda tem o aspecto altruista d'amor ao proximo, sendo fundamentalmente egoista, a segunda, aparentemente egoista, é pujantemente altruista na essencia.

...Porque o altruismo primeiro e antes de tudo é o amor á Fecundidade e á Vida.

Manuel Laranjeira.

A CARICATURA

OS POETAS ARGENTINOS



RUBEN DÁRIO

Caricatura de **Leal da Camara**

ERA UN AIRE SUAVE

Era un aire suave, de pausados giros;
El hada Harmonia ritmaba sus vuelos;
E iban frases vagas y ténues suspiros
Entre soluzos de los violoncelos.

Sobre la terraza, junto á los ramajes,
Diriase un trémulo de liras eólias,
Cuando acariciaban los sedosos trajes
Sobre el tallo erguidas las blancas magnolias.

La marquesa Eulalia, risas y desvios
Daba á um tiempo mismo para dos rivales,
El vizconde rubio de los desafíos
Y el abate joven de los madrigales.

Cerca, coronado con hojas de viña,
Reia en su máscara Termino barbudo.
Y, como un efebo que fuese una niña,
Mostraba una Diana su marmol desnudo.

Y bajo um boscaje del amor palestra,
Sobre rico zócalo al modo de Jonia,
Con un candelabro prendido en la diestra
Volaba el Mercurio de Juan de Bolonia.

La orquesta parlaba sus magicas notas,
Un coro de sonos alados se oia;
Galantes pavanés, fugaces gavotas,
Cantaban los dulces violines de Hungria.

Al oír las quejas de sus caballeros
Rie, rie, rie, la divina Eulalia,
Pues son su tesoro las flechas de Eros,
El cinto de Cipria, la rueca de Onfalia.

Ay de quien sus mieles e frases recoja!
Ay de quien del canto de su amor se fie!
Con sus ojos lindos e su boca roja,
La divina Eulalia rie, rie, rie!

Tiene azules ojos, es maligna y bella
Cuando mira vierte viva luz extraña:
Se asoma á sus húmedas pupilas de estrella
El alma del rubio cristal de Champaña.

Es noche de fiesta, y el baile de trajes
Ostenta su gloria de triunfos mundanos.
La divina Eulalia, vestida de encajes,
Uma flor destroza con sus tersas manos,

El teclado harmónico de su risa fina
 A la alegre musica de un pájaro iguala,
 Con los staccati de una bailarina
 Y las locas fugas de una colegiala.

Amoroso pájaro que trinas exhala
 Bajo el ala á veces ocultando el pico,
 Que desdenes rudos lanza bajo el ala,
 Bajo el ala aleve del leve abanico!

Cuando á media noche sus notas arranque
 Y en arpegios áureos gima Filomela,
 Y el ebúrneo cisne, sobre el quieto estanque,
 Como blanca góndola imprima su estela,

La marquesa alegre llegará al boscaje,
 Boscaje que cubre la amable glorieta
 Donde han de estrecharla los brazos de un paje,
 Que siendo su paje será su poeta.

Al compás de un canto de artista de Italia
 Que en la brisa errante la orquesta deslie,
 Junto a los rivales la divina Eulalia,
 La divina Eulalia rie, rie, rie.

Fué acaso en el tiempo del rey Luis de Francia,
 Sol con corte de astros, en campos de azur?
 Cuando los alcázares llenó de fragancia
 La regia y pomposa rosa Pompadour?

Fué cuando la bella su falda cogia
 Con dedos de ninfa, bailando el minué,
 Y de los compases el ritmo seguia
 Sobre el tacón rojo, lindo e leve el pié?

O cuando pastoras de floridos valles
 Ornaban con cintas sus alvos corderos,
 Y oían, divinas Tirsis de Versalles,
 Las declaraciones de los caballeros?

Fué en ese buen tiempo de duques pastores,
 De amantes princesas y tiernos galanes,
 Cuando entre sonrisas y perlas y flores
 Iban las casacas de los chambellanes?

Fué acaso en el Norre ó en el Mediodia?
 Yo el tiempo, el día, y el paiz ignoro:
 Pero sé que Eulalia rie todavía,
 —Y es cruel y es eterna su risa de oro!

Ruben Dário.

CELEBRES

JORGE COLAÇO

UM homem que nos faz rir nos momentos de mau humor é um homem que se estima. Jorge Colaço é um d'estes homens: portanto, eu estimo-o; mas leva ás vezes as suas chalaças tão longe, entra tão de galope em assumptos reconhecidamente serios, que a gente sente-se vagamente ridicularisado.

Este é o caso de expôr umas chinfrinadas no Gremio e lépido ir-se esgueirando de medalha, caminho da Gloria; e, de lá fazendo-nos *pied-de-nez* apalhadadamente, despertar risos na galeria, ao ver o jury comer-lhe as borrarrenadas de tintureiro por dignas pinturas.

Vendo-o assim, tão escoteiro d'arte, ajoujado com a medalha, caminho da immortalidade, sentimos tentações de o chamar:

—O sr. Colaço faz favor? Duas palavrinhas:

O sr. imagina-se pintor?

Emfim... Eu estou convencido que não; mas ha para ahi muito figurão com o nariz no seu logar, que está convencido d'isso.

Eu, com este mau sestro de presentir nas acções do sr. Jorge Colaço o picaresco, affeito-me a crer que aquillo tudo foi chuchadeira com que o illustre Colaço quiz experimentar o bom humor do jury.

O jury esteve á altura da situação.

Chegado aos quadros, o jury encavalita as lunetas inquisitoriaes: observa-os; cheira-os; analysa-os; torna-os a vêr e a cheirar; vê-os por traz; vê-os por deante; por alto; por baixo; em perspectiva... e nada... nada... absolutamente nada.

Havia um desalento; alguém apontou aquella coisa, que mais tarde chamaram arabe; houve gestos de duvida—«Ná!... Aquillo não póde ser!»

Desencavalitaram as lunetas e olharam-se sorridentes. Tinham percebido, positivamente tinham percebido.

«O Jorge queria chuchar?» disse um.

«Decerto» confirmou outro.

Cada um procurou a sua barriga com as mãos e ao acompanhamento estridulo das gargalhadas reboaram-se no soalho.

«Que patusco este Jorge!» ouvia-se no atafolhamento da gargalhada.

«Este diabo tem piada! Atirem-lhe com uma medalha aos lombos.»

E eis como ahi está o nosso Colaço de medalha, radiante a olhar o jury ainda de mãos na barriga.

Creio bem que assim fôsse. Se assim não foi, é pena; porque se rouba á pilheria nacional este obulo a mais, e temos de entrar com elle n'um capitulo menos recreativo: a parvoice.

O sr. Colaço imagina-se pintor?

Se esta magiação, tem por base os quadros este anno apresentados, não me parece que esta base seja idonea para tal supposição.

Mais, vejamos:

Comecemos pelo assumpto.

Onde foi o sr. Colaço buscar aquella paysagem arabe com respectivo cavallo e cavalleiro?

Para o arabe, ainda arranjará algum, tresmalhado, ahí n'esses bazares de bysantinices a tres vintens.

Embora não tivesse já o aspecto altivo do filho do deserto, devido a curvatura d'espinha inherente ao officio de vendilhão, alguns traços apresentaria que lhe déssem direito a ser colleccionado na secção arabe.

O sr. Jorge Colaço não se importou: o habito faz o monge, e acabou se.

Para o cavallo, tinha essas estampas coloridas, para ver a differença extraordinaria que vae d'um cavallo arabe a um cavallo de carroça de cerveja, como o que tem no quadro.

Para a paysagem, uma praia onde collocaria varias vassouras á laia de palmeiras. Dá um effeitarrão! Não imagina! Só lhe falta fallar.

Isto era se quizesse pintar uma scena luso-arabe, porque para pintar positivamente arabe, só ha um meio: é transportar-se a esse paiz.

Já vae longe o tempo em que o artista pintava no remanso dos seus ateliers, auxiliado por uns manequins desengonçados de pau.

Hoje é necessario estudar a natureza com minucia, copiar a vista.

O trabalho feito de photographia é mais simples; mas só pode servir para o sr. se entreter.

Podia ver, ainda assim, nas reproducções de quadros de mestres o caracteristico dos cavallos arabes: peitos largos, pescoço grosso, de musculos fortemente salientes, onde assenta a cabeça secca de ganachas distanciados em excesso, pina para a extremidade é de ventas abertas, bem definidas, testeira um pouco reentrante. Aquelle cavallo de gesso copiado naturalmente d'algum de Queiroz Ribeiro, nada d'isso tem.

O arabe, então, apesar dos petrechos, fatiota e enfarrascadella da cara, não come ninguem. E é um caricaturista que não acha os traços phisionomicos d'um typo!

Que diabo de caricaturista!

Por este lado, como vê, nada de bom.

Podia ser uma recodação; mas o desenho está tão vincado, tão burricamente accentuado e tão cheio de bicos, que presuppõe um modelo, uma coisa que estivesse á vista.

Portanto, caro pintor, deixe-se *d'arabias* que ninguem é papalvo; e, quando sentir essas ganas de produzir arabe, positivamente arabe, faça colheres... já se vê: arabes.

Do assumpto da *Anciedade* nada tenho a dizer: minuciosamente mal desenhado é uma barrela em pó de tijolo.

O *panneau* (projecto) é estupendo.

E' uma coisa medonha, com uns corvos e umas coisas esquisitas que ninguem disse o que representavam.

Parece assim uma noite nevoenta para os lados d'Alfama, com fadistas semelhando phantasmas.

Conta-se: Ribera pintara um quadro horroroso; á vista d'elle as mulheres gravidas davam á luz entes phenomenalmente deformados.

Perante a vista d'este *panneau*, senti as dôres maternas percursoras d'um ente odorifero, que pelo instantaneo dá acção na minha pituitaria me fez crer que sahirá phenomenalmente deformado.

Já vê; que as bases são das mais seguras para as suas supposições.

Para o emprego das tintas pode encontrar tratados que o iniciem, es-

criptos desde os tempos mais remotos da pintura porque, francamente, o sr. d'isso não sabe nada. Em caricatura como em *O que morreu d'amor* ainda se permittem esses erros de côr, essa insciencia de effeitos; mas em pintura seria, tenha paciencia, não pode ser.

Portanto, como tenho vindo á gandaia, quasi trauteando a aria da troca, vá um conselho final:

«Não ponha os seus quadros onde os cães os cheirem».

Sabe porquê?

.....
Inaugurava-se a estatua Sousa Martins.

O monstro de Queiroz Ribeiro estava ainda coberto com a bandeira nacional; apinhava-se gente pelo largo; as philarmonicas esganiçavam hymnos na atmosphaera aquecida pelo bello sol.

Parecia tudo risonho, não sei se do sol, se da estatua. O rei desceu magestoso do palanque, armado á pressa, e approximava-se do monumento a que se ia descobrir a cara. Um cão vagueava por alli cheirando os pés a todos, n'uma bohemia de narinas.

O hymno começou e a bandeira desceu serenamente.

Instintivamente as senhoras levam as mãos aos olhos—deviam te-lo prevenido, apanharam no de surpresa n'aquelle serviço—o cão com uma semcerimonia d'animal de quatro patas, depois de cheirar os pés de Suas Magestades que, naturalmente, encontrou em bom estado de aceio, cheira a estatua no cabaz das flores e, alçando a perna, despede a mais critica esguichadella de que era possuidor.

Muitos riram; outros ficaram serios por não poderem ter o mesmo signal de desprezo.

Nem as suas caricaturas, nem a ironia, que correu em catadupas por essas folhas, teve o espirito d'aquelle irracional.

.....
«Não ponha os seus quadros onde os cães os possam cheirar.»

Como o Jorge Colaço deve estar comprehendido nos loucos de que trata Erasmo, termino com elle: *je n'aime pas un auditeur que se souvient de tout* — Adieu donc, portez-vous bien, applaudissez et buvez, illustre chevalier de la folie.

Alvaro de Castro.

DO "LIVRO D'ALMA,"

I

Alaga-me no mar dos seus olhos saudosos,
Humidos e febris, escuros e serenos,
Naufragio doloroso e dias dolorosos
E a salvação na cruz dos seus braços morenos.

II

Burguezinha gentil, suave e preguiçosa
Usa o cabelo ao meio em deseguaes bandós.
A sua graça altiva é alegre e desdenhosa,
E' cheia de caricia a sua ingenua voz.

III

O brilho de metal do seu olhar distante
Enleva, contorsiona e cega o nosso olhar,
Vibra como um violino audaz e soluçante
Onde sempre echoou a antiga voz do mar.

IV

A's vezes, a sonhar as mesmas phantasias,
Pensando em que me esmague esta imbecilidade,
Chegam a harmonisar-se as nossas theorias
A' luz do meu amôr tam cheio de verdade.

V

E ó dias saudosos, ó aguas correntes,
Que viram e cantaram o meu passado inteiro,
Vae n'esta invocação d'amores impenitentes
A simples confissão d'um amôr verdadeiro.

VI

Floresce em todo o amôr a gloria inextinguivel
Que ambiciona um lar, que phantasia um ninho,
Para que fructifique e seja imperecivel
A vida com amôr, a vida com carinho.

VII

Sonhos de namorado á espera de cazar,
A quem sorri o amôr da vida socegada
No aconchego d'um seio a abrir, a amamentar,
No triumpho maior da gloria ambicionada.

VIII

E a vida passa então sem contrariedade,
No amôr da Eleita altivo, audaz, nobre e perfeito,
Na vaidade do lar que é uma ideal verdade
Em lucta com o egoismo e com o preconceito.

IX

E o direito de amar aquella creatura
Tão bôa companheira, a Eleita, a Preferida,
Traz n'um raio de luz a obrigação mais pura,
Da adoração da Mãe, do triumpho na vida.

X

E o lar será feliz e o pão abençoado
Beijos ham de florir, fructos amadurecer,
E aquelle antigo amôr casto, idealizado,
Ha de fructificar, diffundir-se, crescer.

XI

E porque o amôr de nós, de mim, de ti, Morena,
Não cabe dentro em nós, porque floriu, cresceu,
Fructificaria na adoração serena
No amôr desinteressado a um filho teu e meu.

XII

Ramos do mesmo tronco erguidos para o sol,
Curvas do mesmo abraço a unir dois corações,
Os filhos ham de vir no limpido arrebol
Das santas, das intensas e livres affeições.

XIII

Tudo isto lhe digo ; esta tristeza immensa
Incoherente, brutal, altiva como Ella,
Esta ancia de luz indomita, insuspensa,
Que não quero odiar sem poder esquecel-a.

XIV

Ella que não tem culpa, a ingenua burguezinha,
Olha-me com desdem, mas com benevolencia,
E afinal a culpa, a culpa é sua e minha :
A sua seducção, a minha inexp'riencia,

XV

Porque ella, assim como é, impaciente e casta,
Tem caprichos pueris, cheios de irreflexões,
E um riso aberto, altivo e franco que me arrasta
No turbilhão sem fim das minhas illusões.

XVI

Toca Chopin : — Inferno enorme, indefinivel,
Toca Beethoven : — Mysterio antigo como o mar,
Mendelssohn : — O amor lendario, imperecivel,
A dôr maior que ninguem pôde dominar.

XVII

E' Schumann o preferido :—O amôr inviolado,
Que é uma chaga aberta e uma nova esp'rança,
Um mar de lama e lodo e um ceu inexp'lorado,
Onde a victoria ruge e a flicidade avança.

XVIII

Nervosa, insubmissa, aquella creatura,
D'uma simplicidade artistica, exquisita,
Não é d'uma belleza impeccavel e pura
D'uma belleza sã, energica, constricta ;

XIX

Comtudo a gente pensa ao vel-a deslisar
Ao ouvir-lhe a inflexão da voz acariciante,
Que a vida sem amôr é uma coisa vulgar .
A gélida expressão da estatua d'um gigante.

A. Pedroso Rodrigues.

NEGRA!

Negral tal foi como a chamei no dia
Em que passou por mim e que a fixei,
Feia como eu até ha pouco a via,
E altiva como nunca mais a achei.

Vestia d'um vermelho que a incendiava
Como o sol incendieia todo o ceu,
Essa esbelta mulher que foi escrava
N'um formoso paiz que lhe esqueceu.

Eu tenho-a aqui nas mãos e quero-a erguida,
Fosse eu pintor havia de pintal-a;
Assim, poeta como eu sou, na vida
Para a poder dizer tenho d'amal-a.

Olhos negros, negrissimo cabello
Negrissimo esse corpo de serpente!
Negral Uma negra o meu amor! Dizel-o
Dá-me o grande prazer de ser diff'rente.

Todas as noites proseguindo o escuro,
Ouvindo apenas do meu passo o som,
Eu vou p'ra ella como p'ra o futuro,
Incerto e doido, mas confiado e bom.

Descanço os olhos n'uma ou n'outra estrella...
Mas de repente fico deshonesto;
Negra a minha alma, a horrivel posse d'ella
Toma a perversidade d'um incesto.

Deixa-me negras seu abraço e ao vêl-as,
Como a lembrança d'um extranho amôr,
Beijo-as; não são apenas pisadelas,
São um pouco tambem da sua côr.

Ao fim da noite, quando nasce a aurora,
Diz-me—Não voltes!—Penso em não voltar...
Mas mais horas para a frente e eu quero a hora
De a ter embora só para a deixar.

Como é bom tel-a sob a carne ardente,
Lindas palmeiras balouçando as palmas
Em pallio sobre nós, enquanto em frente
Choram com dó de nós as nossas almas.

As nossas almas! Como isto faz rir!...
As nossas, não! a nossa, que é só uma
Essa que nós tivemos de partir
P'ra nos dar a illusão de ter alguma.

Toda a volupia o seu corpo m'a encerra,
Pode a vida findar; sinto-me em alguém.
O' poetas que tem a minha terra!
Femeas que sois o amôr que elles vos têm!

Guedes Teixeira.



CREPUSCULO

Aguarella de **José Leite.**

AS DUAS ESTHETICAS

Não chega ás Lettras ou á Arte um novo, com vontade de triumphar, que não pense logo n'uma revolução artistica. Umas vezes é apenas com o desejo de atirar á popularidade o seu nome; outras animado das melhores intenções. Em ambos os casos, porém, pouco conseguem por que o desconhecimento da Vida é o seu grande mal.

Popularisar um nome cuja fama não deriva d'actos que serviram ao Progresso, para que serve?

Innovar de repente, consoante uma phantasia de momento, que utilidade produz?

Na primeira conjectura estão os viderinhos que julgam facil o triumpho na Arte ou na Politica, — um triumpho remunerado, é claro — desde que consigam attrahir por uma extravagancia d'ocasião os olhos avidos da multidão. Na segunda hypothese alistam-se os phantasistas, os loucos sonhadores, aquelles que applicam toda a sua alma a um ideal imaginario e impraticavel.

Ora, o publico, digam o que disserem, é que, se n'um momento se embriaga por uma idéa erronea, depressa a embriaguez lhe passa, porque o tempo não chancella tollices.

Assim, aos primeiros, se a victoria, é facil em certas occasiões, não é comtudo duradoura, porque, tão depressa se elevam como rapidamente caem; aos segundos, faltando-lhes dentro do sonho uma observação exacta das pessoas e das cousas, da sua terra e do seu *meio* social, tambem não é invejavel a situação.

Succede, entretanto, algumas vezes, que a idéa nova pela extravagancia prende a attenção, encontra imitadores; mas, como não ha nada de novo sob o sol e a evolução da vida, não se faz aos saltos, em breve as phantasticas theorias são desmoronadas, provando-se que as analogias ficticias em que assentaram não produziram mais nos espiritos do que revoluçõesinhas restrictas e inuteis.

Inuteis? Não, prejudiciaes; porque estragaram impetos que melhor applicados seriam proveitosos e assim foram estereis. Pela consequencia d'estes enthusiasmos gastos sem proveito, affrouxaram vontades, arruinaram crenças, contribuíram para entrincheirar ainda mais, nas torres de marfim e no scepticismo que é um crime, algumas aptidões aproveitaveis. Em seguida, affirma se que o Povo não admira, nem paga nem glorifica a intelligencia humana, tornada exotica, e d'este modo, nasceu o julgamento, d'um lado, de que as multidões são inesthetas e que a Arte serve só para raros. D'outro lado, então, começou a desconfiança nas vocações de artistas, de poetas, de pensadores, de criticos, que em cada geração desabrocham, desconfiança muito logica, mas prejudicial tambem.

*
* *
*

Pois dizer que o Povo é inestheta é um erro! Eu creio firmemente que todo o homem tem a noção do gosto, e essa noção vae-se desenvol-

vendo conforme a classe e o *meio* em que vive, conforme a educação que teve, conforme a Arte que lhe mostraram.

E' certo que a continuação das extravagancias d'uns para se firmarem nos logares rendosos, chamando por essa fórma as atenções para um valor ficticio, e d'outros o sonho infantil de revoluções artisticas a cada instante, sem concatenação com o passado nem utilidade para o futuro, tem arruinado muito o gosto popular.

Encontram-se exemplos frisantes nas sallas, nos museus, nas decorações dos predios, nos monumentos, onde a par d'uma linda obra artistica se vêem porcarias horriveis. Nas sallas, ao pé d'um bello quadro escondido, affrontam a vista, outros quadros mal feitos e de mau gosto. Nos museus o empenho vence tudo e a compra d'uma obra d'Arte realiza-se mais pelos pedidos do que pelo seu justo valor. Nos predios das ruas quando não é o proprietario e o architecto a estragarem a Arte pelo interesse do lucro é a Camara sem gosto que dilenea e contorna. Nos monumentos, triumpham em geral a vontade d'um poderoso em ajudar um nome que se lhe tornou affeiçãoado, por qualquer motivo alheio á Arte.

São um horror semelhantes exemplos á vista do Povo!

Muito mais nas cidades que nos campos, impera a porcaria, o ludibrio artistico, pela ganancia, pelas conveniencias, pela pressa da mão d'obra, por tudo, emfim, que deturpa intenções generosas. Como um bebado, o publico vae perdendo, gradualmente, o gosto e lá vem ao cabo de pouco tempo um novo impôr a sua reforma, a sua revolução, contribuindo, se é possivel, inconscientemente, para depravar mais a esthetica popular.

Depois nas cidades onde o povo está mais em contacto com as imundicies artisticas que pejam as ruas, os largos, as praças, as casas de habitação e os trajos são, em regra, toscos e mal acabados, a Arte falsa como o ouro falso tem maior extracção,

Nas cidades, porque o espirito se sensibiliza pelos expedientes de viver e porque o caracter, por essa razão, se annuvia em muita gente, a falsidade tem melhor terreno para germinar. Nas cidades porque é preciso mascarar desejos para não despertar malquerenças, e sem peias moraes todos os meios quer sejam licitos ou illicitos são acceitaveis, — onde a concorrência das vocações e das necessidades desenfream o egoismo e a ganancias, onde as energias se perdem sem se sentir, minuto a minuto nas cavaqueiras dos cafés, nos passeios em cata de sensações novas, na má lingua, chegando-se ao fim do dia cançado sem se ter feito nada d'util, onde a ind. pendencia amollece pelas transigencias do viver social, onde as classes médias desnorteadas do seu fim aspiram á louca celebridade para triumpharem, — ahi, o espirito tornado acuto, está apto para se perder com futilidades.

E as futilidades como as falsidades imperam; as innovações descabidas apparecem a cada instante; os vicios e os maus gostos recebem pela attrahencia da novidade a sanccão do maior numero.

Ora, sobre o caracter, e não sobre as convenções e as exterioridades, diz Gustave Le-Bon, é que se fundam as religiões sãs, a Arte sã, o bem-estar, sendo, entao, devido mais á falta de caracter nas classes dominantes do que á falta de gosto publico, a indifferença pela Arte.

*
* *
*

E' sabido que o Povo se illude facilmente e a Illusão representa na

educação popular um grande factor. O theatro que ainda é um mal pelas convenções a que está sujeito, pela promiscuidade de vícios n'um acanhado circulo, e pela inaptidão dos dramaturgos, está chamado a desempenhar uma importancia futura na educação dos povos. Os actores, servindo os caracteres das peças fallam melhor ao conceito publico do que a figuração suggerida pela simples leitura. O theatro, para quem não conhece a fundo os bastidores, é uma cousa de encantar; os senhores actores dramaticos, apesar dos seus vícios inherentes ao seu *meio*, são afinal os verdadeiros mestres directos do Povo. São elles que têm de incutir-lhe no espirito as idéas de moralidade, de amor proprio, de independencia, porque a apparencia não obstante ser muitas vezes falsa, não é possível aos olhos inexperientes, destringar, á primeira vista, a realidade da ficção. E o povo, como as creanças precisa de ser educado brandamente, com engodo, com leveza, para que, a par da diversão se faça a sua illustração.

O povo, interessa-se, vulgarmente, por um ou outro personagem d'uma peça, — pois não ha razão para que esse typo se desmanche, sendo ao principio bom e ao final reclame a injustiça como um direito de viver. Está na mão das empresas theatraes escolherem um bom repertorio, transigindo com o gosto publico um tanto, e outro tanto com a Arte e com a Educação.

Porém, como por via de regra se olha mais ao interesse de que ao papel social do theatro portuguez, assim nada de geito se faz. Em todo o caso, é interessante observar, incidentalmente, como a Illusão representa na esthetica das multidões um logar supremo e como o theatro sendo *o espelho das sociedades* como o definiu Shakespeare dando á semelhança dos espelhos as imagens invertidas, — pôde ainda ser o vehiculo maior da educação popular.

*
* * *

Mas eu fallei em Illusão!

O que é um a Illusão?

E' uma verdade figurada pelos olhos. Logo, o criterio só vem depois porque os olhos são o primeiro caminho para a comprehensão. O criterio, como chancellia dos impulsos e das impressões que os olhos tiveram, é que vem joeirar o bom do mau e fazer vincar no espirito, o que mais se coaduna com o nosso temperamento.

No entanto, eu sei que me podem objectar os apologistas da crua Verdade que, sendo o theatro uma illusão, e a illusão uma mentira, — porque é uma verdade figurada — não vale a pena existir, nem pode educar convenientemente.

A esses, eu devo retorquir que tambem a verdade é relativa, pois, o que é verdadeiro hoje é amanhã uma falsidade, e a Vida está n'estes casos.

E' proventura a Vida uma cousa admiravel? Não; porque no viver, custam a supportar os maus transes, as arreliações, as desesperanças e comtudo ninguem, em boa logica, vae hoje advogar a Morte como o ideal humano.

Os pessimistas disseram que o viver era luctar; luctar era fazer esforço; fazer esforço era soffrer; logo, a vida era um soffrimento que não valia a pena defender. D'ahi, uma illusão, assim como a vida para os

pessimistas, será um sofrimento baldado, é certo, porém, o raciocínio cujo trabalho é outro esforço, não raciocinaria sem os olhos observarem, isto é, sem se illudirem com a Vida. Depois, sem razão não ha bom senso, nem ha progresso.

Advogar, a queda da Illusão, como o suprasumo das educações populares é portanto uma asneira, tal como seria outra asneira a implantação do Buddhismo na Europa d'hoje, com o seu quieto Nirvana, se o quizessem inveterar na alma buliçosa das nossas multidões. O movimento é a Força e a Força é o progresso.

Tambem, a lucta é a qualidade predominante dos temperamentos sãos e o imprescindivel é levantar o nivel moral das consciencias, dando a todos o direito á vida; para isso o essencial é expurgar dos homens a sua tara doentia que um final de seculo derramou, obrigando-os a viver, a trabalhar, a luctar, afim de que outros não digam que fomos inuteis no nosso tempo.

Já Pascal dizia aos defensores da inercia que o maior supplicio para um homem seria obrigar-o a não fazer nada: *«lorsque quelqu'un se plaint de travailler, mettez-le à ne rien faire.»* E Ribot, o sabio professor do Collegio da França affirma serem necessarias ao homem as fortes commoções, porque o instincto da curiosidade, que significa o desejo de saber, segue de perto as commoções.

Quer, então, isto dizer que a Illusão é tão precisa ao homem como a Saude é necessaria á Vida. A Vida e a Illusão completam se; ambas teem os seus direitos irrefutaveis. A Illusão na Arte é como a Esperança; uma vae acordar o raciocínio e fazel-o trabalhar porque lhe suggere assumptos novos e porque satisfaz os olhos; a outra desperta a vontade de luctar para conseguimento d'um determinado fim. N'esta lucta, embora mais tarde o ideal desfalleça é que se adquire o direito de viver, e sempre alguma cousa fica, porque se conseguiu erguer uma vontade.

E' claro que a Illusão tem muitas vezes o condão de falsear a Verdade, assim como a Esperança tem em alguns casos o defeito de ser prenciosa; mas, entre a Verdade e a Illusão, quer dizer, — entre os olhos e o cerebro, é necessario estabelecer o justo meio, sem dar toda a prerogativa ás emoções em detrimento do raciocínio, nem dar ao raciocínio frio e methodico o direito exclusivo de determinar as acções.

D'est'arte, porque o Povo se restringe na sua esthetica demasiado á Illusão, e os artistas pendem, hoje, mais para a Verdade brutal, eis ahi está onde começam as divergencias das duas estheticas, — a esthetica popular e a intellectual.

*
* *
*

Primeiro que tudo a Arte tem que advogar a Bondade.

Todo o ser bem epuilbrado é de condição bondoso, e nenhum de nós, a não ser por uma hereditieriedade doentia, tem amor á Maldade. Todo o homem nasce, igualmente, com o instincto da conservação da especie, o instincto supremo, tornado individual pela lucta com o *meio*, e para o nutrir é que vae desenvolvendo desde pequeno varias aptidões, transformadas mais tarde n'outros tantos instinctos secundarios como são: o gosto, a curiosidade, o amor de si proprio, a independencia, o desejo da propriedade. E' da formação consciente d'esses instinctos que o metaphysico Kant partiu na sua philosophia para attribuir á especie huma-

na as noções natas, susceptíveis de se aperfeiçoarem ou deprimirem, conforme o grau da civilização em que se vive.

A maldade, sem que uma tara hereditaria a imprima nos nossos organismos pela herança de antepassados viciosos ou doentes, pobres victimas d'um deleterio ambiente, não é natural nem vulgar. A maldade é esporadica, e todos os casos pathologicos excepcionaes como os assumptos esporadicos, não valem nada na litteratura ou na Arte, entendida como ella deve ser.

Ha, é facto, muitas vezes, a practica da vingança a que se dá attribuição de maldade pelos horrores causados; comtudo, ainda isso mesmo, que é mais vulgar, não deriva do proprio instincto do mal, mas da conservação individual, espesinhada por outrem, n'um dado momento. Então, ahi, o que existe é o instincto de defeza natural levado ao exagero, por falta d'um raciocinio forte.

Por conseguinte, a humanidade não é má, e não pode por isso deleitar-se com a maldade triumphante. Já hoje se não praticam actos de malvadez, se algum dia se praticaram, só pelo prazer de ser malvado. N'este caso, a Arte, sendo feita para o publico não deve atter-se á glorificação do mal. E não podendo, em bom fundamento, entrar n'esse campo, lá tem o lado opposto para se encaminhar, que é, aliás, um vasto campo de operações. Levantar nos animos abatidos pela descrença, o amor, a independencia, o bem espirital, ainda é uma grande acção, e no povo, por que está mais ligado á terra do que nós, o interessé por tudo isso, cresce e augmenta, conforme o poder emocional dos auctores.

E', até, n'este ponto em que assenta a principal ligação da humanidade inteira.

Advogar a Bondade e a Justiça, que bello não é!

Assim, vê-se que o Povo requerendo a Illusão para deleitar os olhos não reclama a Mentira, mas o espectáculo visual, a phantasmagoria, a attracção vislumbrante das linhas, sem que, por isso, ellas tenham de ser vazias, como um bello quadro para ser sincero não é mister desataviar se das côres for mosas nem dos sons vibrantes. Até a Morte tem a sua poesia, e o Inverno frio e chuvoso a sua paysagem especial.

Na concepção da Vida é que se baseia, então, o modo de encarar o problema artistico.

*
* *

Como entende o Povo a Vida? Como é que os intellectuaes a julgam?

A Vida para o Povo é uma cousa que tinha de ser, porque se encontrou n'ella e não lhe importa destrinçar entre o que o homem dá para a modificação da Natureza e a acção d'ella sobre o homem. Integrou-se na Vida sem abstracções mentaes, porque é preciso viver, e, d'este modo, farto de trabalhar, diariamente, o que requer nas horas vagas são: divertimentos, emoções claras, alegrias.

O Povo vê a vida por si e raciocina para si proprio sem preocupação de escolas, nem de *coteries*, nem de grupos que o applauda. A Natureza creou-o a elle, e elle lucha por ella, para comer, para viver. Depois, quando tenha satisfeito as suas necessidades materiaes não quer nem póde querer que o seu espirito se sobrecarregue com a canga pezada dos problemas vitaes, O bom sol, as aguas correntes, os rios crystallinos, as mon-

tanhas sumptuosas fizeram-se para elle gozar, e elle goza-as quanto póde, sem temor da Morte nem se embrenhar nas philosophias vagas do Além.

*

* * *

E' por isso que as multidões se entregam sem idéas preconcebidas, ao enthusiasmo facil, ao grito espontaneo, á ingenuidade deliciosa, emquanto que, os intellectuaes, fazendo da Vida uma abstracção pelo raciocinio, conforme o seu temperamento, acabam por não ter um grito, nem um brado que não lhes passe pela frieira do pensamento. Uns olham demais para fóra; os outros excogitam em excesso, para dentro. O povo vive a vida objectiva sómente; os artistas são em demasia subjectivos.

Os intellectuaes procurando vêr em tudo um porquê, fogem psychicamente da comparsaria da vida, como se fosse possível um homem viver fora da existencia; passam como maniacos a indagarem das proprias acções isotericamente, apresentando-se como doentes de scisma, sem vêrem que todas as acções se prendem na terra porque os homens se ligam uns aos outros, e todos têm o seu papel a desempenhar na sociedade, semelhante ás cellulas d'um organismo.

Assim, a dôr e o desespero que para o typo do Povo é o inverso da alegria e do enthusiasmo, uma cadeia de altos e baixos que fazem a harmonia da vida, para os intellectuaes são mil vezes peiores, porque estando mais isolados de espirito do resto da gente, aquilatam sobre um prisma sombrio toda a existencia.

Quando a Natureza para o vulgo é a paysagem da vida exterior, o quadro que emmoldura as existencias na terra; para o artista, para o intellectual, é apenas um motivo d'Arte que elle tem de aprefeiçoar nas suas linhas não porque se julgue incapaz de a transmittir assim mesmo como a vê, mas porque o seu temperamento a modificou, instinctivamente, subjectivamente.

D'esta forma, emquanto o sabio entregue a uma especialidade tendo estudado na vida os factos que derivaram das leis que elle surprehendeu, um bello dia, á força de estudo, e pelo estudo entende modificá-los, se considera feliz restringido aos seus livros, o artista nem isso; tortura se, porque nem nos livros nem na Natureza encontra o supremo prazer. Não lhe apraz viver a vida; a Natureza não o satisfaz.

A' força de escogitar pela auto-sugestão o porquê das emoções dos olhos, termina por não ter emoções que não sejam morbidas, gestos que não sejam prepositados, palavras que não sejam automaticas. Um horror de vida!

Entretanto ha pontos neutros em que o Povo e o Artista se ligam, dentro de cada nacionalidade que não são, nem as linhas imaginarias da Arte, nem as imagens rendilhadas, nem a frieza do criterio; são os traços fundamentaes da sua raça, do seu clima, da sua mesma familia. Porque a raça é no fundo de nós todos a nossa alma, o coração do homem, e, como dizia Jean Jacques Rosseau o cerebro trabalha na gente bem equilibrada, pela temperatura do coração.

«La raizon prend à la langue le pli que le cœur lui donne.»

*

* * *

Dentro de cada nacionalidade os homens têm o mesmo cunho. Lá

porque os intellectuaes arrastam a subjectividade ao exagero fazendo-se metaphysicos e incomprehensiveis muitas vezes, e o povo vive mais para a sociedade, isto que não quer dizer que os portuguezes não tenham no fundo a mesma característica ethnica.

Somos uns aventureiros, uns amorosos, uma raça de contemplativos e esse espirito d'aventura, d'amor, de contemplação que nas classes populares se traduz pelo prazer das alegrias, dos enthusiasmos, das paixões ruidosas,—nos intellectuaes, nos artistas, nos poetas, é expresso mais intimamente, por modo mais psychico, porque as classes illustradas se acostumaram a vêr com maus olhos a viveza exterior do povo, julgando-a incivil. Sim, os ricos educados á ingleza, á allemã, á estrangeira, viram que os inglezes, os allemães, os povos do Norte eram mais circumspectos; d'ahi, era preciso circumspecção tambem.

Calculou-se que essas raças eram superiores á nossa porque nós somos os descendentes dos velhos romanos e a sua decadencia segundo o criterio errado de muitos havia sido mais moral do que passageira. Calculou-se que uma communitade de heroes tendo fallido pela espada implicava, tambem, essa fallencia, o character da raça. Calculou-se, erroneamente, que deviamos imitar os anglo-saxões, os scandinavos, os germanos, os slavos, sem vêrmos que a nossa raça é outra, o nosso clima é outro, e que, se o velho imperio romano desabou em Roma, resuscitou na França.

Assim, aquelle grito de degenerescencia que echoou ultimamente, do norte, veiu ferir-nos em pleno peito. Já não eramos verdadeiros e passamos a ser loucos por um desvio natural da subjectividade para a loucura. O povo apartou-se mais dos artistas, e nas concepções diversas que as duas classes, formaram da vida—uma coninuando a vêr a objectivamente, socialmente,—outra, a dos intellectuaes, integrando a Natureza na metaphysica, é que a Arte se afundou.

Mas, porque nos prendem os mesmos laços de sangue ainda as nossas paixões são as mesmas, e quer stratificadas na tella, quer no papel, quer no marmore, quando ellas apparecem nitidas, o povo acclama-as.

Se os heroes, d'um romance ou d'uma obra artistica têm o nosso sangue nós sentimos mais os seus infortunios e as felicidades do que sendo d'outra raça se as mulheres por quem nos apaixonamos nos livros, tem a curva graciosa das romanas, fica-nos vincado por mais tempo o nosso amor. E ahi está, no sangue, a nossa ligação. Poderemos ter juizo? Não sei. Se encararmos a vida como ella é, o povo entender-nos-ha e nós poderemos educal-o; se continuarmos a fazer da existencia individual uma abstracção, a Arte será um enigma.

*
* * *

Ora, nas Litteraturas e na Artes, como sabiamente o definiu o illustre professor, incontestavel gloria de Portugal, o sr. Theophilo Braga: *«é talvez mais importante o elemento inconsciente da tradição e do meio, do que a obra propriamente original da individualidade do escriptor.»*

Pois, a nossa esthetica de meridionaes é diversa nas linhas geraes da belleza grega toda recticlinea e marmorea; da belleza allemã methodica e metaphysica; da belleza russa, da belleza ingleza, de todas as estheticas

enfim, porque nós adoramos ainda, por mais que desejem puxar para campo diverso, a linha palpitante e macia que é o apanagio da mulher portugueza e foi a genial stratificação da architectura latina.

E' claro que o cerebro deve funcionar com valor para que a obra d'arte não seja vazia nem simplesmente illusoria ; mas, d'ahi á completa subjectividade, sem emoção ou illusão para os olhos, isto é, a verdade flagrante, (se alguma vez puder existir) é um contrasenso que distancia, a cada momento, ainda mais, o povo das camadas intellectuaes.

Portanto, na concepção da Vida está a differença entre os intellectuaes e o povo, na ligação da raça existe o traço d'união que tende a estreitar-se logo que uma comprehensão clara se faça das nossas condições ethnicas.

As pseudo-revoluções artisticas, em cada geração, sem motivo, são pois, um erro, porque a qualidade da raça e a evolução que ella tem soffrido não se fez a nosso capricho. A Vida fez-se para viver, para a felicidade, para o prazer, e não para a tortura nem para o martyrio; e a Litteratura assim como toda a Arte em geral tem de ser philosophica mas clara e emocional, pela simples razão de que, como muito bem o disse Moniz Barreto, «os factos só emquanto interessam ao Homem ou influem sobre elle, é que podem servir d'assumpto á Arte.»

Fernando Reis.

Á NATUREZA

Oh sancta Natureza enternecida,
Tu que talhas as formas impeccaveis
E as serenas linhas admiraveis,
No palpitante marmore da vida !

Tu que fazes vibrar á nossa vista
A secreta harmonia que ha nas flôres
Que tu sabes compôr, serena artista,
Com esse fluido frémito das côres ;

Tu que cortas, em linhas dolorosas,
As ignotas tristezas recatadas
Do meigo fenecer das lindas rosas

E das pallidas folhas desbotadas,
Ensina-me a talhar obras formosas
No marmore das rimas buriladas.

João Lucio.

AOS QUE AINDA DORMEM

Erguei as fronteiras para a luz que nasce,
Vós todos, meus irmãos, que andaes na lida.
Que importa que ella vos escale a face,
Se ella vos abre os olhos para a vida ?

Quantos nasceram e quantos já morreram
Sem o beijo sagrado d'essa mãe !
Mas esqueçamos : novos tempos vieram
E com elles a fé no eterno Bem.

Temos o céu aberto em nossa frente
E o desejo bastante p'ra ganhá-lo...
Se nós subirmos continuamente,
Hoje, amanhã, havemos de total-o.

Eu não venho enganar a vossa fé;
Amo-vos muito para ser cobarde.
Venho dizer-vos como a Vida é,
Mostrar o bom caminho, embora tarde.

E por isso vos grito : camaradas !
Uni-vos todos, porque a união é força.
Que o futuro se abra a enxadadas
E o braço, embora quebre, que não torça.

Somos a legião dos esquecidos,
Os filhos d'uma terra condemnada.
Temos na lucta o premio dos vencidos
E uma vida que é morte continuada.

Por este valle de lagrimas errante,
Ninguém nos abre a porta nem dá um pão !
E dêmos vida aos campos verdejantes
E volvemos na dôr o arido chão...

E inda falam de patria á mocidade,
Esses que nos fizeram desgraçados !
Mas a patria é uma só : a Humanidade,
E tudo o mais povos sacrificados.

Patria p'ra quê, se a patria é um egoismo
E uma falta d'amôr aos estrangeiros ?
Homens, deixae o vosso patriotismo,
Porque nós somos todos companheiros.

Amae, amae, sem distincção de raça :
O amôr á patria é odio á Humanidade !...
Ah ! que o bom sol em noite se me faça,
Antes que eu minta em nome da Verdade !

Bem sei que ergo palavras para o vento,
E muitos dizem que trabalho em vão...
Mas fogachos que deita o pensamento
Ou cedo ou tarde hão de formar clarão.

Quem sabe se este grito que levanto
Não vae encontrar echo n'outros peitos ?
O mundo é largo : e a lucta que hoje canto
Hade tornar os homens mais perfeitos.

Depois eu não me enfado de o dizer :
O Bem não morre, ó meus amigos ! e hade
A fama de Alexandre inda esquecer
Sem que se esqueça nunca uma verdade.

O que nos fala á alma não se apaga,
Nem se mistura ao que deslumbra a vista.
Homens, ao mar ! e embora cresça a vaga
Onde ha força á que a fome não resista ?

Nós tambem somos como os marinheiros,
Cada dia lançamos nossa sêde.
O amor do Bem faz-nos aventureiros,
A ancia de justiça traz-nos cêde.

Eu por mim sigo d'olhos no futuro,
Em demanda do Reino da Verdade.
Para viver basta-me o veio puro
Que emana da tua fonte, ó Liberdade !

Embora o sangue tombe gota a gota
Seguirei sempre e heide alcançar a luz.
Tambem se alguem me vir a farda rota
Não dirá que matei, mas vesti nus.

Siga cada um de vós este caminho,
Fite cada um de vós este clarão,
E inda que todos vão devagarinho,
Acharão terra que dê vinho e pão

Palmo a palmo acabarão os espaços,
Pedra a pedra as montanhas serão razas...
—Assim, por tanto erguerdes vossos braços,
Um dia chegará que tereis azas !...

Thomaz da Fonseca.

MANUEL ALVES

(APPELLO AOS CORAÇÕES)

Manoel Alves, cavador,
Manuel Alves, ó cantor,
Manuel Alves, sonhador,
ó meu irmão !
pedem p'ra ti qualquer cousa,
para uma pedra, uma lousa,
que ahi fique onde repouza
teu coração !

Pedem, e eu peço, também,
 em nome da tua Mãe,
 e da Idéa que vem
 consolidar
 os laços fortes do amor
 dos homens juntos, na dôr,
 e quer, seja aonde fôr,
 que deem os que podem dar !
 Aos ricos peço dinheiro
 para pagar ao canteiro
 o teu nome todo inteiro
 na rija pedra gravado. . .
 Peço ás violas dolentes
 que soluçam quaes doentes
 em anceios permanentes
 que te chorem o teu fado !
 Fresco poeta dos milhos,
 que se lembrem dos teus filhos
 quem os tem, nos invios trilhos,
 d'esta vida duvidosa . . .
 Quem sabe se algum herdou
 esse dom que te elevou,
 a tua alma que chorou.
 como a Mater Dolorosa !
 Se nada peço ás estrellas,
 muito bem o sabem ellas,
 rainhas das noites bellas,
 que ao poeta tudo lhe dão ;
 mas pedirei ao teu cura,
 que hade ser bella figura,
 que te dê, ó alma pura,
 uma libra, uma oração !
 Nós, já sabes, meu amigo,
 poeta rico, ou mendigo,
 herdeiros de um sonho antigo,
 damos-te a alma, o dinheiro ;
 Nossa voz para louvar,
 quem tão bem soube cantar,
 e ao mesmo tempo cavar,
 sem ter vinha nem celleiro !

*
* * *

O' granito, pedra dura,
 que o cinzel e o maço apura
 em breve n'uma esculptura,
 n'uma canção,
 quando o cinzel te tocar,
 granito, põe-te a cantar,
 os seus versos a chorar,
 seu coração !
 Hade cantar o cinzel
 os teus versos, Manuel,
 que são doces como o mel,
 e cheiram a malmequer,
 e sempre, no teu lugar,
 tua memoria ha de ficar,
 suspensa sobre o altar,
 no coração da mulher !

Dias d'Oliveira.

OS LIVROS

TRAVAIL por Emile Zola — 1 vol. — Livraria Fasquelle — Paris, 1901

(Continuação)

Eis o grande poder da arte social: attestar em documentos humanos de perduravel existencia o subjectivismo e a exteriorização d'uma raça e d'um periodo historico, recolhendo em si a imagem da vida social e do impressionismo psychico d'um grupo civilizado, consoante a sua expressão em determinado momento da evolução da humanidade. E' assim que nos podemos julgar de qual seja hoje a aspiração dos povos, estudando a obra de Zola, Ibsen ou Tolstoi.

O francês, olhos postos no futuro ainda envolto no desconhecido, vigorosamente educado n'um forte meio de liberdade, escreve os seus romances insuflando-lhe o sopro prophético da crença inabalavel; visiona amoroso a paz universal no impulso de crente maximo e desenha n'um largo fundo de reconciliação humana *panneaux* magnificos de apothese onde a Justiça dominante estende mãos protectoras á salvação dos fracos e das victimas, banhando-se no pujante colorido da reabilitação do Ser.

E melhor que Zola ninguem ainda fez arte social.

Ibsen—salvo as suas obras mais objectivas, o *Inimigo do povo*, *Esteios da sociedade* e *Casa de boneca*, perde-se nas brumas evoladas do fjord scandinavo, corporiza o pensamento em symbolos de difficil penetração, rodeia-se d'um vago mysticismo como no *Rosmerhoolm* e quasi impenetavel e sybillino só por vezes deixar passar um grito de facil apprehensão para as almas sedentas de emoção e verdade clara.

Assim as suas obras—salvo as primeiro indicadas—mais são motivo para o culto particularista de raros iniciados na extranha lithurgia artistica, que gritos de protesto soltos na generosa ancia de tudo libertar e redimir.

No emtanto, n'aquella obra essencialmente fria e esphyngica, ha qual quer cousa de verdadeiro e reanimador; alguma cousa de suggestivo, mostrando uma consciencia indignada, indo instinctivamente na febre da revolta e na pureza da critica, a precisar em conceitos repassados da mais pura philosophia, as aspirações de liberdade que a Scandinavia já balbucia, acompanhando a intima prece de libertação entoada n'esta hora, por todos os povos.

E apóz Ibsen, vem Tolstoi que, com Zola, completa a triade artistica empenhada na proclamação dos males sociaes, apontando os á execração do seculo.

Vida fóra—á espera da morte que o ha de ingressar no ceu—vem o conde russo travestido de *moujick* prégando fervoroso a reabilitação do christianismo, d'ahi tirando energicas apostrophes contra os felizes, cegos e surdos ás grandes dôres dos párias rebentados de fome e desconforto nos lares despovoados de ventura. Fazendo do christianismo decadente o protesto vingador, Tolstoi arremessa ás faces dos cezares e nobres o anathema sentido na alma dos humildes camponezes russos

acurvados á rude tarefa quotidiana, erguendo-se sacerdote a consolal-os n'um grande sonho simplista de paz resignada.

E os tres obreiros de maior renome na arte social, seguindo diferentes veredas, lá vão conquistando as multidões, ora chamando-as á vida dos affectos puros, ora indicando-lhes as origens do mal moderno que as sacrifica impiedoso e pertinaz.

Divergindo na sua arte, embora procurando attingir o mesmo alvo nenhum o consegue porém como Zola; o que na obra ibseniana é simples intuição da Verdade, e alliada á observação do meio e dos typos, em Tolstoi — veja-se a *Resurreição*, considerada um dos mais completos documentos da sua *maneira* e dos seus intuitos — predicação de apostolo avido de dar vigor a uma doutrina exausta, apostolado servido por uma arte quasi infantil, transforma-se no *Travail* em deliberado e consciente proposito revolucionario acompanhado de poderosas mostras de conhecimentos scientificos, não só convencendo mas vencendo as mais rijas resistencias de incredulos por atavismo ou sordido interesse. E' que no *Travail* ha justiça para todos; os homens não são agentes do bem ou do mal senão obedecendo á determinação do meio onde desabrocham ou evolutem ou quando, superior á influencia da herança moral ou pathologica, a educação os preserva affastando-os da voragem que os ameaçava devorar. N'esse livro a par da fôrma rythmada e sonora emmoldurando a acção impregnada de suave e amoroso perfume ha o grande equilibrio do desenvolvimento, ora guindando-se á mais alta dramatização, ora pairando na exposição completissima da mais moderna doutrinação libertaria quando não vña nos mais arrojados symbolos da fraternidade humana rescendendo a novas eras ou esquiça a bancarrota do capitalismo, a morte das religiões, a agonia da auctoridade pondo em relevo os seus agentes fulminados pela invasão serena e inevitavel do progresso triumphante.

Que grande mundo de esperanças o *Travail* offerece ás nossas crenças!

N'esse livro, que reputo o mais completo trabalho até hoje produzido pela arte social ha não só a ver as faculdades maximas do artista genial mas o *quid* entusiasta do luctador militante seguro de si e da sua penna posto na vanguarda dos combatentes a encorajar os tibios e a converter descrentes pessimistas. O pensador e o artista integram-se n'um só bloco demolidor, talvez avalanche que do alto da Verdade vem, encosta abaixo, esmagar a cidade das paixões monstruosas e das injustiças torpes que no sopé viceja, assassina e corruptora, pulverizando-a para dar logar á planicie destinada a berço da Cidade-Nova.

A julgar do pensador basta considerar o velho cura contrapondo opiniões com o professor atheu, republicano jacobino, ferozmente auctoritario, que ao fim se rende vendo que não só a Igreja é victima do Progresso, mas a chamada Disciplina tambem fraqueja nos fundamentos ameaçando a existencia da velha Republica dos interesses burguezes, commodista e especuladora. E a pôr fecho á agonia do cura soffrendo cruelmente de ver as gerações abandonarem o templo, desprezado mesmo pelo Estado que d'elle já nada espera, Zola leva o bom sacerdote ao acume do sacrificio e n'uma manhã clara de bom sol leva-o a dizer missa, a elle, que já sabe o desmoronar da igreja imminente e o deixa erecto e firme na renuncia de bom christão a erguer o calix á hora mesmo que a nave derroca com estridor e o deixa soterrado nos escombros enquanto a *Crécherie* — a fabrica communista onde não ha religião do Christo — floresce e multiplica a força no continuo accrescer de novas gerações sim-

plesmente regidas por grandes principios de moral solidaria assente no Amor.

«S'ils aimaient, tout serait fécondé, tout pousserait et triompherait sous le soleil.»

E o analyst não querendo ficar olvidado irrompe tambem n'aquelle episodio Morfain em que o velho operario tratador do alto-forno durante largos annos, despreza a felicidade da nova existencia, a quietação da nova fabrica, o findar tranquillo entre a familia feliz porque nos novos machinismos, nos progressos da Sciencia, elle vê, não a força que o vem buscar ao inferno do trabalho duro e violento executado em proveito alheio, mas a obra demoniaca desrespeitadora do velho obreiro, d'aquelle que ainda tem braços musculosos affeitos á rotina, e a tudo renuncia lançando-se brutalmente louco sobre o cabo electrico que o vexa dispensando-o do trabalho. E' preferivel, vê-se, á inconsciencia e aos habitos de escravidão cair fulminado no desejo tresloucado de impedir a liberdade que reconhecer a vida sob diverso aspecto de completa felicidade gozada por direito proprio de nascimento. E temos a ainda a delicada analyse psychologica que faz das tres mulheres Josine, Soeurette e Suzana a satisfação dos varios estados d'alma do apostolo Luc, dando-lhe a femea apta e attrahente á procreação, a amante espiritual e a amiga fraternal que tudo advinha, percebe e realiza empenhada de vêr fecunda a obra do amor que tanto mais é grande quanto mais abdica do ente desejado para se multiplicar no grande affecto salvador d'aquelles no mundo só visitados pelo soffrimento.

Nunca em outro livro encontrei delicadas *nuances* do sentimento tocadas por fórma tão grandiosa e magistral.

E' que no *Travail* ha a *griffe* do genio a carimbar de ternura e de odio, de amor e de raiva, as seiscentas paginas que o compõem.

Lê-se e vive-se: amamos e odiamos, cremos e desanimamos, estudamos e perdoamos e tudo isto, feito o nosso querer simples argilla nas mãos do artista que a molda na adaptação á urdidura do livro sempre intenso e educador.

Nós, os latinos, podemos orgulhar-nos; é a França e ha de ser sempre ella o cadinho das mais compensadoras esperanças e a patria dos mais altos protestos de dignidade humana.

A convencer-me veio o *Travail* dar-me a ultima prova.

Ern. da Silva.

INDICE GERAL

TEXTO

	Pag.
Afonso Gayo.....—Palavras de Bligot	22
—Realidade (verso).....	106
Alvaro de Castro— <i>Celebres</i> — Jorge Colaço.	243
—A Exposição	108, 148 e 171
Antonio Carneiro ...—Resurreição (verso)..	70
Antonio Patriciô.....—Ciganas (verso).....	77
—O que é viver? (verso).....	142
A. Pedroso Rodrigues—Do «Livro d'Alma» (verso).....	245
Augusto de Castro...—Terra de promessa.....	164
Carlos Olavo.....—Confronto	188
—A malta.....	140
Costa Carneiro.....—Dramaturgos & C. ^a	92
— <i>Os theatros</i> : Castello Historico.	64
— » » Petronio	29
Dias d'Oliveira—Manuel Alves (verso).....	259
—A Volupia (verso).....	217
—Canção da Espada (verso).....	163
—Idyllio no Paraizo (verso).....	28
Eduardo Perez.....—Historia tragica d'um cãozinho de estima	122 e 135
—O novo gageiro da «Flor da Murtha».....	53
Eça de Queiroz.....—Duas cartas ineditas.....	98
Ernesto da Silva.....—O intruso.....	78
— <i>Os Livros</i> : Travail.....	223 e 261
Fernando Reis.....—Colheita de inverno.....	14
—Eça de Queiroz.....	99
—As duas estheticas.....	250
—Gente limpa.....	218
—O Pae das hervas	44
— <i>Os Livros</i> : A baroneza de Staël e o duque de Palmella.	159
— » » Christãos ás féras.....	190
— » » Portugal na Exposição de Paris.....	94
— » » Queremos luz.....	191
Francisco Carneiro...—O matadouro da Avenida.....	113
Francisco Villaespesa—Pindarica (verso).....	176
Gomes Carrilho.—A Canção em Paris.....	33
—Fuenterrabia.....	161
González Anaya.....—Simbólica (verso).....	235
Guedes Teixeira.....—Estou triste de mais. Chove lá fóra (verso).....	17
—Negra (verso).....	248
Jacintho Benavente..—Bodas reaes.....	82

João de Barros.....	—Os artistas novos.....	69
	—As companhias infantis.....	36
	—A Conspiração do Silencio.....	8
	—A uma mulher casada (verso).....	119
	—A Onda.....	230
	—Preludio (verso).....	201
João de Deus Ramos.....	—Soneto.....	157
João Grave.....	—A arte.....	143
	—Saudade.....	9
João Lucio.....	—A dança do pó (verso).....	185
	—A' Natureza (verso).....	257
Juan Jimenez.....	—Paisaje del Corazón (verso).....	36
José Cordeiro.....	—A volta das andorinhas (verso).....	38
Ladislau Patricio.....	—Primeira pagina d'um livro (verso).....	229
Lopes d'Oliveira.....	—A arte em Portugal.....	28
Manuel Cardia.....	—Os Livros: A compra d'um quadro.....	121
	— » » Do Capitolio á Rocha Tarpeia: Um.....	38
	— » » O Poeta Saudade.....	61
Manuel Laranjeira.....	—Arte Nova.....	34
	—Augusto Santo..... 72, 116, 204 e	236
Martins Figueira.....	—Canção bohemia.....	129
	—Chronica triste: O Enterro de Christovam.....	1
Mayer Garção.....	—Carta de alforria.....	151
	—A cidade de hontem: Alfama.....	210
	—O dilettantismo litterario.....	225
	—A grã-cruz.....	87
	—Moderação !.....	103
	—As questões sociaes e a nova arte.....	178
	—O «Syndicato da Inveja».....	18
Miguel de Unamuno.....	—A metarrythmis.....	154
Nunes Claro.....	—Agua circassiana.....	107
	—A consagração de Eça de Queiroz ou a vingança do conselheiro Accacio.....	42
	—Etiologia d'um mediocre.....	10
	—Mesa redonda.....	162
	—O poema dos cavadores (verso).....	207
	—Versos d'um morto a uma sombra.....	145
Paulo Osorio.....	—Os Livros: A Cidade e as Serras.....	157
Raul Brandão.....	—O Gebo.....	6
Ruben Dário.....	—Era um aire suave (verso).....	241
	—Flora (verso).....	128
	—A Juan Jimenez (verso).....	3
Silvio Rebello.....	—O bom caminho (verso).....	49
	—Carta da aldeia.....	193
	—O Fim de um poeta.....	2
Thomaz da Fonseca.....	—Aos que ainda dormem (verso).....	258
	—Cadeias (verso).....	85
	—Carta a uma mãe.....	132
	—Os grandes males do povo..... 167 e	197
	—A' luz do gaz.....	65
	—Os Livros: Poema do Lar.....	57
Viriato Diaz Perez.....	—Contradições.....	231

ILLUSTRAÇÕES

DE

Adriano de Souza. — Arnaldo Ressano. — Costa Motta, Sobrinho. — David Estrella de Mello. — Francisco Carlos Parente. — Frédéric Voigt. — José Leite. — Leal da Camara. — Mirales. — Sancha. — Sobral Fernandes.
Retratos de escriptores novos de Hespanha, etc.

REVISTA INDIA

REVISTA NOVA

Com o presente numero conclue a publicação da **Revista Nova**, em virtude de circumstancias independentes da vontade da sua redacção, bem como da casa editora que tomou o compromisso de a lançar á publicidade.

Essas circumstancias que, — convem accentual-o para evitar erradas ou malevolas interpretações, — não se referem a factos que signifiquem transigencias que deslustrem ou fraquezas que envergonhem, cifram-se, de resto, quas exclusivamente n'isto: a falta d'uma cooperação assidua da parte d'um grande numero dos seus collaboradores, o que levava a tornar-se chronica a irregularidade da sahida de cada numero. D'ahi, a impossibilidade de manter á **Revista** o caracter periodico de que ella necessitava para um completo exito.

A **Revista Nova** não acaba, pois, nem por falta de publico nem por falta de honestas convicções a expressar. Acaba em virtude, apenas, d'esse phenomeno bem caracterisadamente lusitano que leva a deixar sempre para o dia seguinte o que se deve fazer n'um dia. Eis tudo, — sem circumloquios, que seriam desnecessarias hypocrisias, quando não ha responsabilidades proprias a defender.

Todavia, ao terminal-a, cremos que ella alguma cousa fundou, de são e nobre, ou seja esse espirito de criterio livre e de intransigencia sentida que deve sempre orientar, nos trabalhos da arte e nas analyses da vida, os que sinceramente pretendam honrar uma e regenerar outra.



2000
Compliments



NOTES